

OPHIUSSA

REVISTA DO CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA



CENTRO DE ARQUEOLOGIA
DA UNIVERSIDADE
DE LISBOA

uniarq

1 - 2017

OPHIUSSA. Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa

ISSN 1645-653X

Publicação anual

Volume 1 – 2017

Direcção e Coordenação Editorial:

Ana Catarina Sousa

Elisa Sousa

Rui Boaventura

Conselho Científico:

André Teixeira (Universidade Nova de Lisboa)

Carlos Fabião (Universidade de Lisboa)

Catarina Viegas (Universidade de Lisboa)

Gloria Mora (Universidad Autónoma de Madrid)

Grégor Marchand (Centre National de la Recherche Scientifique)

João Pedro Bernardes (Universidade do Algarve)

José Remesal (Universidade de Barcelona)

Leonor Rocha (Universidade de Évora)

Manuela Martins (Universidade do Minho)

Maria Barroso Gonçalves (Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa)

Mariana Diniz (Universidade de Lisboa)

Raquel Vilaça (Universidade de Coimbra)

Xavier Terradas Battle (Consejo Superior de Investigaciones Científicas)

Secretariado: André Pereira

Capa: André Pereira sobre Báculo do Sobral do Martim Afonso (desenho de Marco Andrade).

Paginação: Elisa Sousa

Impressão: Europress

Data de impressão: Novembro de 2017

Edição impressa (preto e branco)

200 exemplares

Edição digital (a cores)

www.ophiussa.letras.ulisboa.pt

ISSN: 1645-653X

Depósito legal: 190404/03

Copyright © 2017, os autores

Edição:

UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa

Faculdade de Letras de Lisboa

1600-214 – Lisboa

www.uniarq.net - www.ophiussa.letras.ulisboa.pt - uniarq@letras.ulisboa.pt

O cumprimento do acordo ortográfico de 1990 foi opção de cada autor.

OPHIUSSA

Volume 1, 2017, páginas 105-121

PRODUÇÃO E COMÉRCIO DE LUCERNAS DURANTE A ANTIGUIDADE TARDIA: GÉNESE E EVOLUÇÃO DAS LUCERNAS TARDO-ANTIGAS DE PRODUÇÃO AFRICANA

CARLOS PEREIRA*

RESUMO

Conquanto esta série de lucernas não tenha merecido a mesma atenção que as suas precedentes, das séries de volutas ou de disco, é possível esboçar um quadro geral sobre a sua importação, produção e comercialização na Península Ibérica, definindo-se áreas que denunciam distintos ritmos de consumo lychnológico. Alertamos, contudo, que o desatender destes materiais, estando muitos conjuntos por publicar, pode vir, no futuro, a alterar estas leituras.

Estimulados por um trabalho anterior (Pereira, 2014a), do qual este é um complemento, decidimos não ficar por uma mera análise da distribuição ou morfologia das lucernas. Abordando sucintamente questões de complexa natureza, procurámos interrelacionar acontecimentos sociais e económicos com as transformações morfo-iconográficas que ostentam as lucernas tardo-antigas de produção africana. A complexidade destas temáticas, porém, não se esgota nestas páginas.

Palavras-chave: Lucernas; Hispânia; Península Ibérica; Produção; Antiguidade Tardia.

ABSTRACT

However these lamps do not had the same attention that his precedents, the volutes and plain nozzle series, it is possible outline a general situation about his import, production and commercialization in the Iberian Peninsula. This study allow us to define areas that had different rhythms of lychnological consume. Nonetheless, we should make aware that much lamps are still unpublished and they may change these interpretations.

Encouraged by a forward article (Pereira, 2014a), to witch this is a complement, we decide not stay only by a distributional or morphological analysis of these lamps. Introducing us in subjects of complex nature, we interrelate social and economic events with the morph-iconographical transformations that we observe in the late roman African lamps. The complexity of the following subjects, yet, is not finish in this pages.

Keywords: Lamps; Hispania; Iberian Peninsula; Production; Late Antiquity.

* - Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Uniarq – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa / Museu de Cáceres;
carlos_samuel_pereira@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Não é fácil abordar um estudo sobre as lucernas durante a Antiguidade Tardia, mais ainda quando nos adentramos em questões complexas, como é o caso da produção, comércio ou factores que contribuíram para o seu maior ou menor consumo. De facto, bastantes questões permanecem sem uma resposta satisfatória. Apresentando algumas propostas de trabalho e linhas de investigação procurámos explorar esta temática, expondo os principais problemas e comparando a evolução produtiva da última grande série de lucernas romanas atestada no território onde se desenvolveu, o Norte de África (Bonifay 2004), com a que se verifica na Península Ibérica.

Neste contexto, parece desnecessário repetir muito do que já foi dito acerca da história da investigação das lucernas tardo-antigas de produção africana, mais conhecidas como lucernas paleocristãs. Ainda assim, parece relevante repetir as palavras de alguns autores, nomeadamente de Ángel Morillo Cerdán (1999: 146), que evidenciam a contraditória quantidade bibliográfica sobre tal temática quando comparada com o actual conhecimento morfo-tipológico e produtivo de tais lucernas. Efectivamente, a quantidade de tipologias elaboradas para esta série é reduzida, se comparada com as existentes para as séries precedentes.

Não pretendemos alegar que esta série de lucernas foi ignorada. Na verdade os estudos demonstram que foram alvo de interesse desde cedo, mas que ou dedicavam poucas linhas a esta série ou pretendiam dar relevo às lucernas com iconografias de simbologia cristã. Ainda assim, qualquer estudo sobre este tipo de materiais é, à partida, confrontado com uma falta de bibliografia evidente, sobretudo de divulgação de conjuntos e contextos.

Somente a partir de meados do século passado notamos um evidente interesse na elaboração de estudos mais exaustivos. Neste panorama surgem os primeiros ensaios de Palol (1962) e Salomonson (1968; 1969), mas a primeira tipologia é unanimemente atribuída a Hayes (1972), quem distinguiu dois tipos principais e, dentro de cada um, subtipos. Embora actualmente a tipologia de Hayes permaneça como referência incontornável, era demasiado sumária, situação que impulsionou Pavolini e Anselmino a publicar o capítulo dedicado a esta série de lucernas, no primeiro volume de *Atlante delle forme ceramiche* (1981: 184-207).

Outros trabalhos foram divulgados depois deste, bastante completo e exaustivo, contudo, estes

são os que continuam a ser amplamente utilizados na bibliografia da especialidade. Porém, merecem ainda referência o trabalho de Mackensen (1993), que propôs algumas modificações ao trabalho dos autores italianos baseando-se no aparecimento de novos tipos na *figlina* d'El Mahrine, ou o de Michel Bonifay (2004), que tratou a cerâmica tardia africana e no qual, entre outras categorias, abordou as cerâmicas de iluminação apoiando-se na mais recente revisão da tipologia de Pavolini (Barbera - Petriaggi 1993). A grande inovação destes trabalhos reside na associação de várias características da lucerna para organizar a tipologia, sem esquecer, evidentemente, a ordenação das tipologias anteriores, comprovando datações com contextos fiáveis de sítios arqueológicos norte-africanos, como é o caso da necrópole de Pupput (Abed - Griesheimer 2001). São, sobretudo, estes trabalhos que nos fornecem as ferramentas para que possamos dissertar acerca da produção e comércio de lucernas tardo-antigas de produção africana.

Os dados que esta análise permitiu obter confirmam outros que já tivemos oportunidade de abordar (Pereira 2014a). Todavia, levantam outras questões que merecem atenção, sendo estas o objectivo principal deste trabalho.

2. GÉNESE E EVOLUÇÃO NO NORTE DE ÁFRICA

Conquanto apresentemos aqui um panorama sobre a génese e evolução das lucernas tardo-antigas de produção africana na área geográfica onde se fabricaram (fig. 1), deve-se admitir que tal tarefa terá apenas como objectivo uma análise comparativa com o panorama hispânico. Michel Bonifay já apresentou esses dados, organizando uma tipologia baseada nas já realizadas e nos materiais dos centros produtores que estudou. Assim, arrumou estas lucernas em seis grandes grupos, ainda que os quatro últimos sejam os que se enquadram em cronologias da Antiguidade Tardia. É esta tipologia que, na nossa opinião, melhor delata a evolução das lucernas romanas tardias, sem que, contudo, tiremos protagonismo aos autores italianos, na qual era já possível estimar tal evolução.

De facto, não é fácil iniciar um estudo tipológico sobre as lucernas tardo-antigas de produção africana. Este tem sido o tema mais explorado e, além disso, o autor francês complexifica os tipos criados em grupos e séries, justificando-se na existência de distintos centros produtores que laboraram em áreas geográficas concretas. Desta forma, quando analisamos as cerâmicas de iluminação de origem

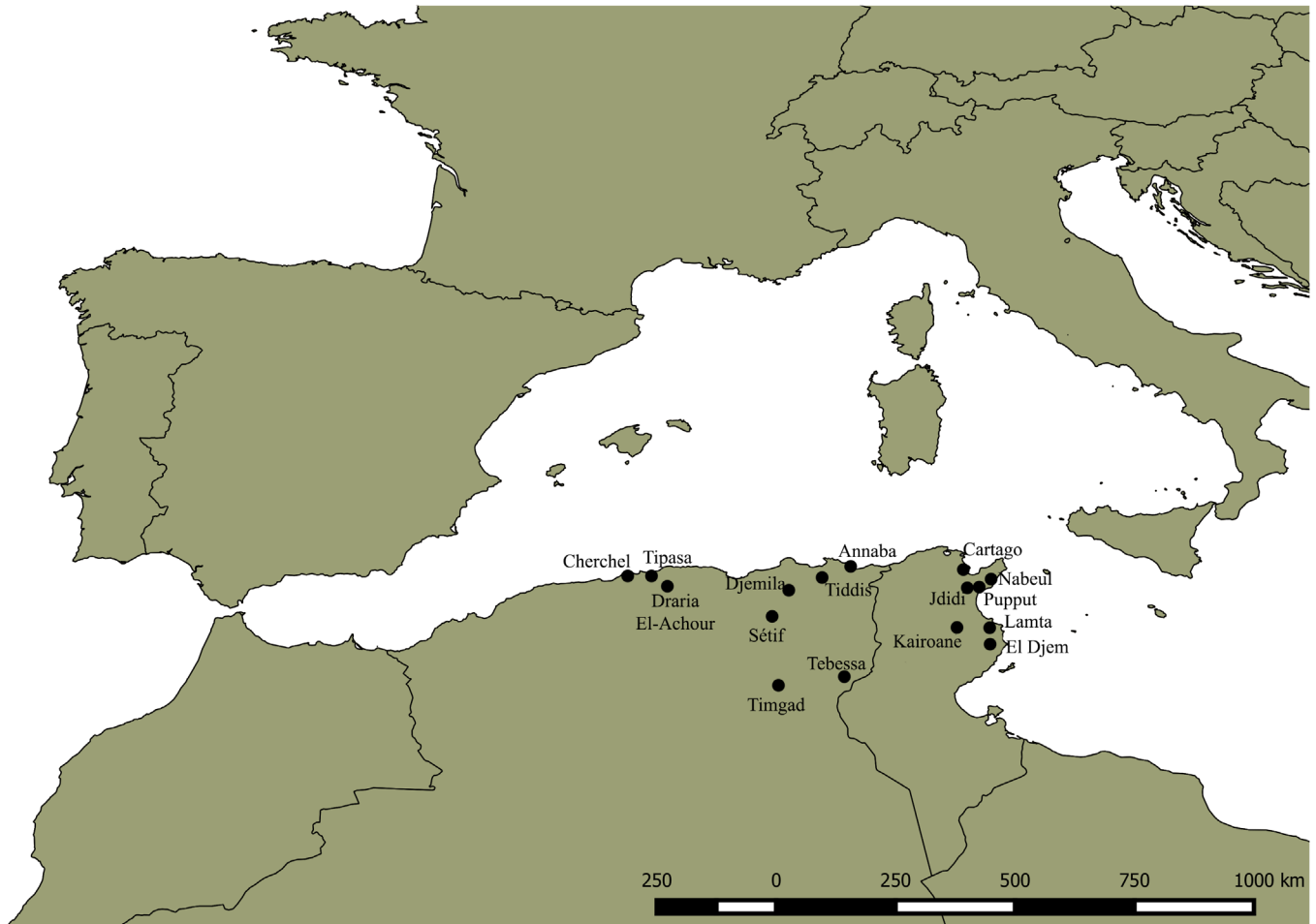


Fig. 1 - Localização dos principais centros de produção norte africanos (adaptado de Bonifay 2004: Fig. 1a).

africana, estas devem ser classificadas segundo a forma e a produção, dados que nos apontam a sua provável origem. Somente com estes estudos tecno-morfológicos temos as ferramentas necessárias que nos permitem dissertar acerca do seu consumo e dispersão.

Ainda que pretendamos analisar a última grande série de lucernas romanas, parece necessário abordar sinteticamente as precedentes, para que melhor entendamos como chegaram aquelas a essa morfologia. Tanto Pavolini e Anselmino como Bonifay abordaram não só as lucernas de *terra sigillata* (tardo-antigas de produção africana ou paleocristãs), como também analisaram as lucernas de produção africana inspiradas em modelos antigos, ou seja, as formas clássicas das séries anteriores. É nestas lucernas que podemos asseverar o característico período de experimentação produtiva lychnológica nessa área geográfica e a consequente evolução dos exemplares "europeus" (formas clássicas) aos africanos tardo-antigos.

As primeiras produções africanas, tal como as hispânicas, imitavam os protótipos itálicos, apresentando assim a mesma morfologia mas características tecno-petrográficas de pastas locais/regionais. Tais produções reproduzem as formas da série de disco, típicas dos séculos II e III d.C., mas tiveram uma dispersão limitada ao Norte de África. Entretanto, os mercados hispânicos estavam inundados pelos produtos ibéricos e que satisfaziam os consumidores, ainda que devamos admitir que algumas lucernas das formas Deneauve VII ou VIII, de produção africana, chegaram pontualmente a território hispânico (Pereira 2008: 39-43; Almeida 2009: 82; Vieira 2011: 68), mas sobretudo à área levantina e catalã (Olcina Domenech 1990: 68-71). Podemos mesmo afirmar, portanto, que neste período ambas as áreas geográficas eram independentes e praticamente auto-suficientes no que a produtos básicos respeita.

Até aqui nada de novo. O êxito de que gozaram determinadas cerâmicas alto-imperiais, entre as quais



Fig. 2 - Lucerna “africana de tradição antiga” (tipo 25 de Bonifay) com presença de decoração linear e asa maciça (Bonifay 2004: 344 - Fig. 193).

as de iluminação, foram rapidamente (re)produzidas em distintas zonas do Império. No entanto, o século IV d.C. é o momento em que aparecem pormenores até então inéditos nas lucernas romanas e que se manterão nas peças tardo-antigas de *terra sigillata*, referimo-nos particularmente à introdução de decorações lineares no disco e ao aparecimento das asas maciças (fig. 2).

Não é fácil comprovar se estes detalhes morfológicos surgiram inicialmente nos tipos denominados por Bonifay de “africaines tardives de tradition antique” (2004: 343-353) ou se foram os primeiros modelos fabricados de *terra sigillata* os protagonistas de estas inovações. Efectivamente, ambos grupos lychnológicos conviveram, pelo menos, durante a segunda metade do século III e o século IV d.C. Porém, as lucernas em *terra sigillata* da segunda metade do século III d.C. (tipo 38/Atlante IV) apresentam já a asa maciça, enquanto a grande maioria das “lucernas africanas de tradição antiga” continua a ostentar as asas com perfuração.

Além disso, a iconografia estampada nas “lucernas de tradição antiga” do século IV d.C., as quais

coexistiram com as de *terra sigillata*, mantém, em certa medida, a decoração das lucernas tradicionais, embora possamos observar um incremento de representações geométricas em detrimento das figuradas, assim como uma considerável redução das figurações que expõem temas relacionados com a mitologia ou com o quotidiano. Ainda que não possamos atribuir a este momento a grande mudança de repertórios iconográficos, intui-se já uma considerável variação no gosto dos consumidores de estes produtos.

Certo é que, no Norte de África, em final do século IV ou início do V d.C., as lucernas em *terra sigillata* haviam substituído por completo as lucernas tardias da série de disco. Não podemos deixar de questionar, portanto, quais os motivos que estão por de trás desta mudança, tentando perceber se foi a produção que influenciou o consumo de um novo produto ou se foi a procura que justificou o fabrico das lucernas de *terra sigillata*.

Como referimos já, este tipo corresponde à última grande série de lucernas romanas, repetimos, de produção africana coincidente com os fabricos C e D de *terra sigillata*. Geralmente apresentam o corpo ovóide de grandes dimensões e de perfil troncocónico. O bico é alongado e de forma arredondada unida ao disco por um amplo canal. O disco é reduzido e côncavo, frequentemente decorado (Morillo Cerdán 1999: 146-147). A orla, ampla, horizontal ou ligeiramente convexa, apresenta habitualmente decoração, sendo esta um dos elementos determinantes para estabelecer a variante tipológica a que pertence a peça. As asas são maciças e projectadas para trás. A base é plana ou anelar e não é frequente ostentar marca de oleiro, mas quando presente resume-se a monogramas, letras isoladas ou combinações de duas ou mais letras (Balil Illana 1969).

A pasta e o verniz constituem um dos aspectos mais característicos destas lucernas. A pasta é geralmente sólida e muito bem depurada, de cor avermelhada ou vermelha alaranjada, enquanto o engobe, denso e brilhante, adopta uma tonalidade alaranjada ou cor-tijolo. O trabalho de Michel Bonifay é, na nossa opinião, aquele que melhor expõe as características destas pastas, associando cada uma delas a *figlinae* específicas que fabricaram simultaneamente recipientes de *terra sigillata* C e D e lucernas.

Deve ainda referir-se que, embora estas sejam as produções mais conhecidas, sobretudo no Ocidente hispânico, outras foram identificadas no



Fig. 3 - Lucerna africana com inscrição na orla produzida na área da Mauritânia Cesariana (Bussière 2000: 64 - Fig. 7d).

Norte de África, concretamente na área argelina, apresentando características bastante distintas (fig. 3). As pastas destes exemplares são, geralmente, bem depuradas e de tonalidades que variam entre o bege acinzentado e o branco amarelado (Bussière 2000: 120-126; 2012: 56; Bonifay 2004: 351). Não obstante, estas produções deverão ter gozado de uma limitada circulação.

Não pretendendo ser exaustivos, expomos em linhas muito gerais os principais tipos, apresentando um panorama da evolução desta série. O autor francês distinguiu 44 tipos diferentes (quadro 1), individualizados segundo a morfologia e iconografia e correspondendo, cada um, a produções cronológica e geograficamente bem determinadas. A grande maioria tem equivalência com os tipos de Pavolini e Anselmino, contudo, o autor individualizou alguns exemplares inéditos que não encaixavam em nenhum dos já existentes e outros ostentavam particularidades comuns a dois ou mais tipos distintos da tipologia de *Atlante*. A estes Bonifay denominou

de “formas híbridas”.

O tipo 37 da tipologia de Bonifay, *Atlante* I, é a lucerna mais antiga que se conhece, até ao momento, em *terra sigillata*. Não significa que tenha sido a primeira de fabrico africano, já vimos que os centros produtores dessa região imitaram as lucernas da série de disco e que, inclusivamente, algumas destas apresentam pormenores que delatam uma evidente experimentação estética por parte dos artífices locais. Além disso, as primeiras lucernas tardo-antigas coexistiram com alguns tipos de disco, principalmente com os de bico em forma de coração (Dressel-Lamboglia 37 e 38), em momento centrado da segunda metade do século III d.C. A cronologia não é o único coincidente entre esta lucerna e os exemplares da série de disco. Na verdade este tipo demonstra que o século III foi um momento de transformações na produção. Morfologicamente esta lucerna é idêntica aos tipos de disco com bico em forma de coração e asa perfurada, mas foi fabricada em *terra sigillata*.

Outro indício de que este pode ser o momento em que se iniciou um período de experimentação reside no facto de que esta lucerna não gozou de grande sucesso. Conhecem-se poucos exemplares consumidos no Norte de África e a morfologia da série parece ter mudado consideravelmente, quiçá procurando fomentar o consumo destes produtos. Assim, o tipo 38 (*Atlante* IV), que oferece cronologias que vão desde meados do século III a início do IV d.C., começa a oferecer pormenores que hão-de manter-se durante toda a produção de lucernas tardo-antigas de produção africana, sobretudo a asa maciça.

Porém, o corpo ovóide somente começa a ser evidente a partir de final do século III d.C. e primeiro quartel da centúria seguinte, concretamente com o tipo 39 (*Atlante* V). Ainda assim, alguns exemplares deste mesmo tipo mantêm a asa perfurada, situação que corrobora igualmente a frequente miscelânea de características comuns aos últimos exemplares da série de disco e da série de lucernas tardo-antigas.

Os tipos 40 e 41 têm correspondência com a forma *Atlante* VI, ainda que o autor francês defina o tipo 41 como uma variante que não encaixa plenamente na tipologia dos autores italianos. Ambos apresentam o corpo circular e o disco pequeno, a asa maciça e projectada para cima, a orla ampla decorada com folhagem em relevo, e o bico longo com um canal que pode ser aberto, variante A, ou fechado, variante B. O tipo 40 foi datado, *grosso modo*, da primeira metade do século IV d.C., apesar de que um único exemplar apoiou tal datação, recolhido no

Producciones en *terra sigillata*

Bonifay 2004	Pavolini e Anselmino 1981	Cronologia
Tipo 37	Atlante I	Mediados del III d.C.
Tipo 38	Atlante IV	2ª mitad del III – 1ª mitad del IV
Tipo 39	Atlante V	Final del III – 1º cuartel del IV
Tipo 40	Atlante VI	Inicio del IV – 450/470
Tipo 41	Atlante VI, variante	¿?
Tipo 42	Atlante VII	¿?
Tipo 43	Atlante VIII B	2ª mitad del IV – inicio del V
Tipo 44	Atlante VIII A1c / A2b	Final del IV – 1ª mitad del V
Tipo 45	Atlante VIII A1a-b / A2a	350 – 460
Tipo 46	Atlante VIII C1a-b	2º cuartel del V
Tipo 47	Atlante VIII C2a-b	Mediados del V
Tipo 48	Atlante VIII C1c-d-e	Mediados del V
Tipo 49	Atlante VIII C2c-d	2º cuartel del V
Tipo 50	Atlante VIII D	2ª mitad del V – inicio del VI
Tipo 51	Atlante VIII B / IX	2ª mitad del V – inicio del VI
Tipo 52	Atlante IX B-C	¿?
Tipo 53	Atlante X A, grupo C1	2º cuartel del V
Tipo 54	Atlante X A, grupo C2	Mediados del V – 1ª mitad del VI
Tipo 55	Atlante X A, grupo C3	2ª mitad del V – 1ª mitad del VI
Tipo 56	Atlante X A, grupo C4	VI
Tipo 57	Atlante X A, grupo C5	Mediados del VI – VII
Tipo 58	Atlante X B	2ª mitad del V – inicio del VI
Tipo 59	Atlante X D	¿?
Tipo 60	Atlante XI	¿?
Tipo 61	Atlante VIII C1 / X	Mediados del V

Tipo 62	Atlante VIII D / X	2ª mitad del V
Tipo 63	Atlante X precoz	2ª mitad del V
Tipo 64	Atlante X, grupo D1	Mediados del V – final del V
Tipo 65	Atlante X, grupo D2	Inicio del VI – mediados del VI
Tipo 66	Atlante X, grupo D3	Final del V – VI
Tipo 67	Atlante X, grupo D4	Final del VI – 1ª mitad del VI

Producciones tardías en *terra sigillata*

Tipo 68	Atlante X tardía con decoración saillants	Final del VI – inicio del VII
Tipo 69	Atlante X tardía con decoración estampada	VII – VIII
Tipo 70	Atlante X tardía con decoración linear	Final del VI – VII
Tipo 71	Atlante VIII-IX-X, derivadas	Final del VII – VIII
Tipo 72	Atlante X D2	Final del V – inicio del VI
Tipo 73	Atlante XI B1	V
Tipo 74	Atlante XI B1	Final del V – inicio del VI
Tipo 75		Final del V – inicio del VI
Tipo 76	Atlante XI B1	VI
Tipo 77	Atlante XI A1b / X A1d / XI / B1b	Mediados del VI
Tipo 78		VI
Tipo 79		Mediados del V
Tipo 80	Atlante XII, grupo C2	Final del V – 1ª mitad del VI
Tipo 81	Atlante XII, grupo D2	1ª mitad del VI

Fig. 4 - Correspondência com as formas de Atlante dos tipos estabelecidos por Bonifay e cronologia de cada tipo.

centro produtor de Djilma/Henchir el Guella (Peacock - Bejaoui - Ben Lazreg 1990: 79), onde foi produzido.

Segundo o estudo de Michel Bonifay, até ao tipo 42 as lucernas tardo-antigas de produção africana foram produzidas principalmente na área central e meridional tunicina (2004: 353). Concluiu também que estas lucernas não gozaram de uma ampla difusão, inclusive em território africano, e menos ainda na bacia do Mediterrâneo. Contrariamente, os tipos que têm equivalência com as formas *Atlante VIII* foram os que tiveram mais êxito, situação comprovada por uma ampla comercialização. Mas ao contrário do que se pensava antes, nomeadamente que a sua produção se limitava à área central da Tunísia (Hayes 1976: 121), sabemos actualmente que, afinal, estas lucernas foram fabricadas simultaneamente em Bizacena e Zeugitana (*proconsularis*) (Mackensen 1993: 161; Bonifay 2004: 358).

O facto de que as lucernas da forma *Atlante VIII* tenham alcançado uma maior dispersão é indício de uma produção e comércio mais intensos, o que potenciou em igual medida as diferenças morfológicas (fig. 5). Tendo em conta essa realidade

e considerando que a forma não necessitava maior complexidade tipológica, o autor francês outorgou-lhe uma organização evolutiva que considerou a morfologia e a decoração, sem esquecer as áreas de produção e a cronologia que os contextos ofereceram (2004: 358 - Fig. 202 a e b).

De facto, a evolução crono-produtiva é, em nosso entender, bastante simples e prática para a compreensão da evolução do fabrico destas lucernas. Assim, o tipo 43 foi fabricado na área central da Tunísia, os tipos 44 a 47 são comuns às áreas central e setentrional, e os tipos 48 a 50 são exclusivos da área setentrional. Como é compreensível, cada um destes grupos apresenta características tecno-petrográficas próprias, permitindo assim a sua adscrição a uma determinada área geográfica.

A iconografia destes tipos, 43 a 50, apresenta uma variedade considerável de motivos, sobretudo animais, vegetais e geométricos, sendo bastante comum a presença da cruz monogramática ou do crismón. Refira-se, contudo, que estes, inequivocamente relacionados com o cristianismo, estavam já presentes nas lucernas de tipos

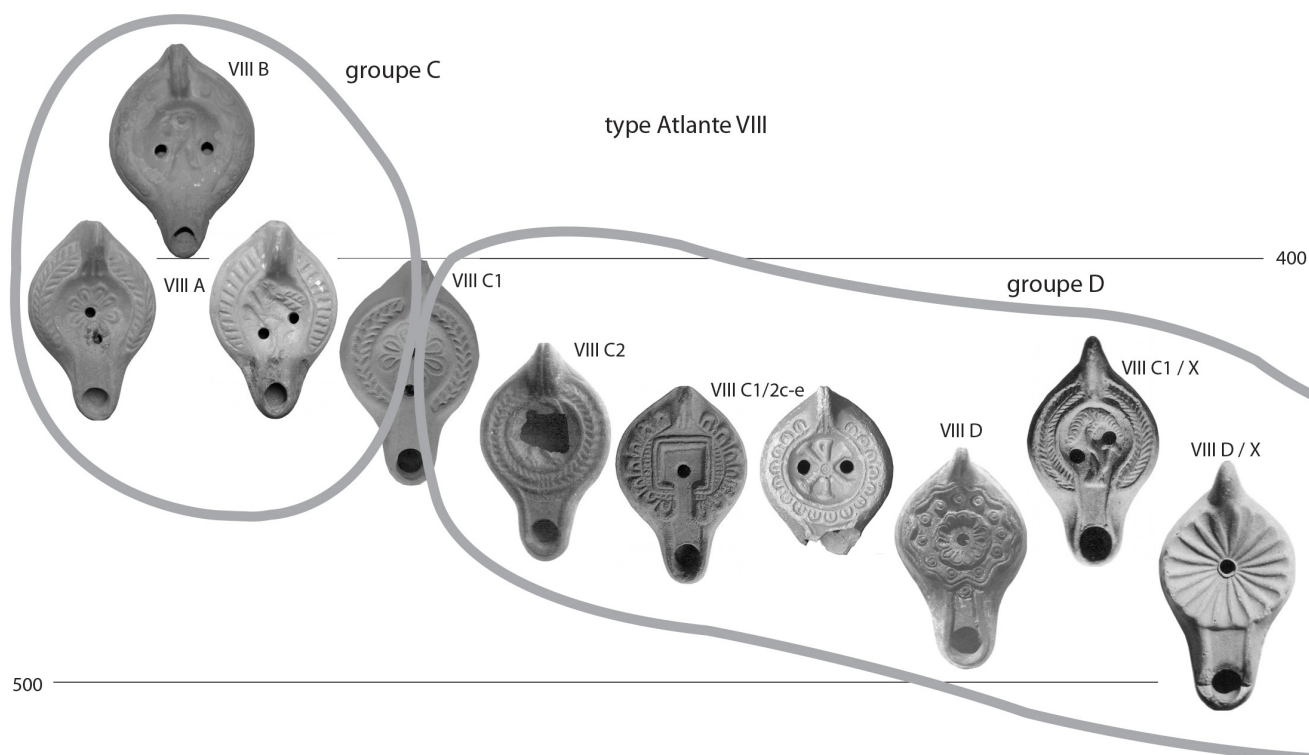


Fig. 5 - Esquema evolutivo proposto por Bonifay para as lucernas de tipo Atlante VIII (2004: 360 - Fig. 202a).

precedentes, constatando-se nestes um incremento considerável.

Igualmente comum nestas formas é a presença de bustos, tanto femininos como masculinos, que ostentam detalhes que excluem, à partida, tratar-se de divindades, podendo corresponder a apóstolos (Bonifay 2004: 373). Tendo em consideração o avanço que o cristianismo experimenta neste período, principalmente devido à sua prática liberalizada, não podemos deixar de notar um coincidente aparecimento destes bustos com a prática *ad sanctos*. Com efeito, é também neste momento que tal veneração se documenta nas necrópoles, pelo menos nas ocidentais (Sánchez Ramos 2010: 26-27; Pereira 2014b: 446-447), traduzindo-se na indistinta orientação das sepulturas voltadas para algum edifício ou estrutura relacionada com a representação ou localização de algum santo mártir. No entanto, reconhecemos que tal proposta é arriscada e carece de outros argumentos, além de que não é fácil, senão mesmo impossível, associar tais bustos a personagens concretas. Certo é, apesar de tudo, que estes motivos frequentemente são relacionados com apóstolos ou com a veneração aos mártires.

Os tipos 51 e 52 têm equivalência com a forma *Atlante IX*, que, na verdade, somente se distinguem das precedentes pela presença de protuberâncias laterais na união do bico ao corpo da lucerna e que, segundo o autor francês, são reminiscências das lucernas da série de volutas. Estes tipos, produzidos durante a segunda metade do século V e início do VI d.C., conviveram ainda com as formas anteriores, o que justifica que tenham sido produzidos em *figlinae* afins da zona central e setentrional da Tunísia (Bonifay 2004: 370).

A partir do tipo 53 (*Atlante X*) o panorama tipológico complexifica-se exponencialmente e, como é reconhecido pelo próprio, a prova de tal situação culminou em distintas tipologias que se regem por distintos critérios na organização das variantes. Estes problemas são principalmente potenciados pela produção intensiva das lucernas correspondentes aos tipos X e XI de *Atlante* e da sua intensa exportação para as áreas mediterrâneas com as quais o Norte de África estava directamente ligado.

Embora Pavolini e Anselmino tenham organizado comodamente a maioria dos subtipos: segundo a decoração do disco em redor ao orifício

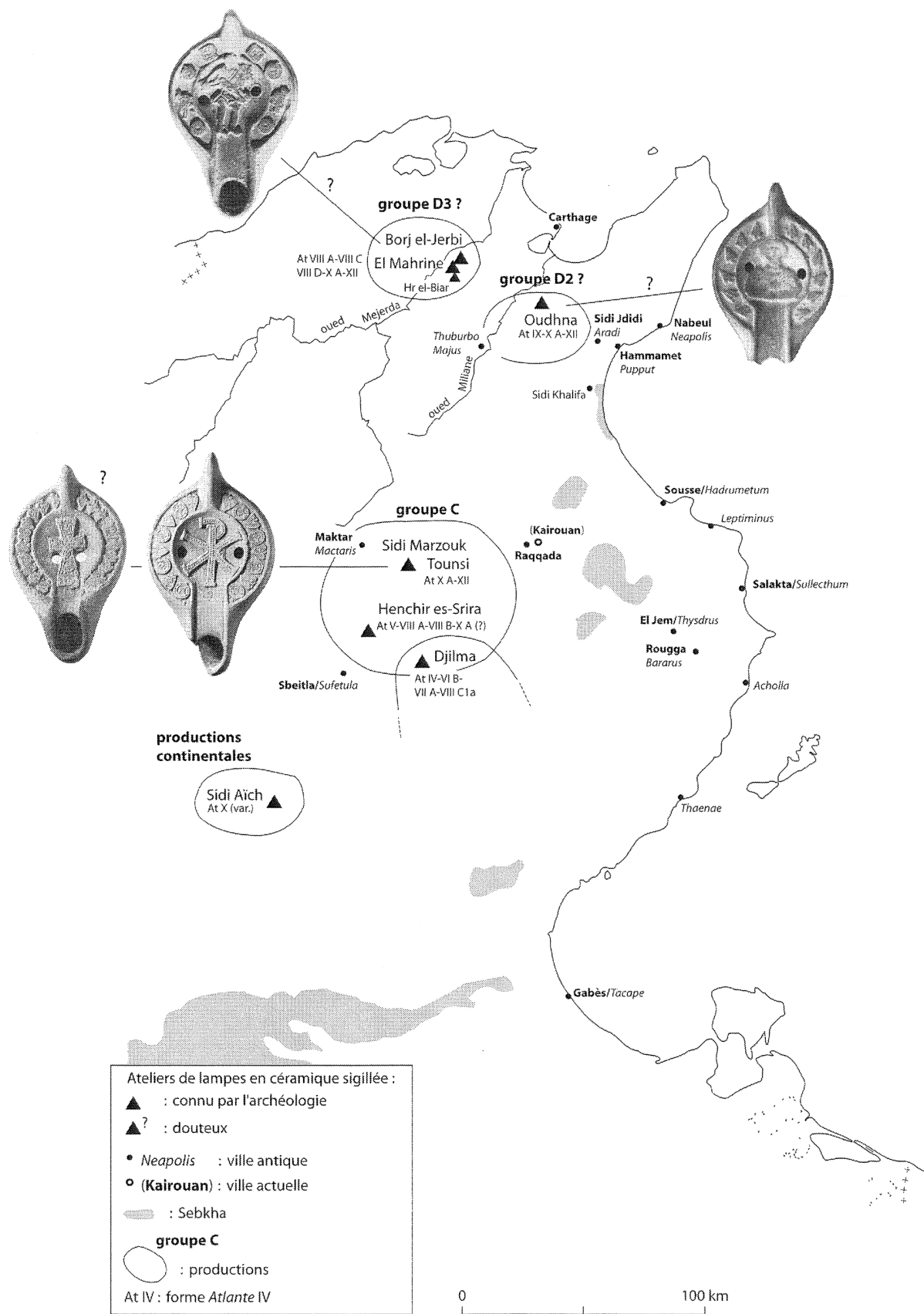


Fig. 6 - Proposta de localização dos principais centros produtores de lucernas Atlante X (Bonifay 2005: Fig. 5).

central (tipo X A2), a sua delimitação por um círculo (tipo X A1b), a presença ou ausência de asa plástica (tipo X A1c), o fecho do canal por uma banda (tipo X D) ou a presença de protuberâncias laterais ao bico (tipo XI), certo é que estes não são critérios suficientes para individualizar os distintos subtipos. Precisamente por este motivo, Chapman, Davies e Peacock (1984) basearam-se principalmente no estilo decorativo para reordenar as lucernas dos tipos X e XI de *Atlante*. Conquanto neste caso concreto a organização tipológica, segundo a decoração, pareça ter funcionado bem, porque foi realizada sobre material de um único local, quando era trasladada a um âmbito geográfico mais amplo demonstrava-se ineficaz.

Estas lucernas patenteiam um duplo problema relacionado com a sua origem e com a sua cronologia (Bonifay 2004: 370-371). Actualmente, ao analisarmos a tipologia de Hayes, concretamente os tipos IIA e IIB criados mediante critérios cronológicos (1972: 311), reparamos que essa distinção é mais útil para diferenciar as lucernas segundo a origem (fig. 6). De facto, o seu tipo IIA inclui as lucernas produzidas na área central da Tunísia, representadas por pastas finas e verniz alaranjado claro acetinado, decorações bastante cuidadas e de pequenas dimensões, enquanto o tipo IIB remete para as produções setentrionais, de pastas mais grosseiras e verniz mate de cor vermelho-tijolo, decorações de maiores dimensões e de aspecto também grosseiro.

O problema cronológico está sobretudo relacionado com a grande longevidade produtiva da forma X, que permanece durante três séculos e que pode resultar não tanto de um êxito efectivo, mas sim de um desconhecimento de contextos onde se reconheçam estes exemplares completos.

Tal situação, unida ao facto de que gozaram de uma dilatada comercialização por toda a bacia do Mediterrâneo, justifica que tenham sido motivo de realização de frequentes catálogos (Ennabli 1976; Hayes 1980; Hoff 1986; Bailey 1988; Barbera - Petriaggi 1993; Trost - Hellmann 1996). A existência de uma apreciável quantidade de materiais publicados alentou o autor francês a aperfeiçoar a ordenação tipológica de Pavolini e Anselmino, cruzando os dados que já tinha para a região de Marselha (Bonifay *et al.* 1998) com os que vinha compilando no Norte de África. A coerência que detectou entre estes e aqueles demonstra que, apesar de tudo, os dados corroboram a persistência produtiva e comercial da forma.

As lucernas dos tipos X e XI de *Atlante* são as

que melhor expõem as especificidades da série. São maiores comparativamente com as antecedentes, mais largas e ovóides, com orlas bastante amplas e planas onde se estamparam decorações variadas, como as quadrifólias, os losangos, os triângulos, os quadrados, os círculos, as linhas sinusoidais, os elementos cordiformes ou as ramagens, frequentemente combinando muitos destes elementos na mesma peça.

Os motivos aplicados no disco são igualmente variados, muitos dos quais também presentes em recipientes de *terra sigillata* produzida nos mesmos locais. De facto, a iconografia dos tipos incluídos nas séries 6 e 7 de Bonifay, particularmente do tipo 54, o mais comum, havia sido já motivo de distinção e organização em grupos. Sublinhamos os trabalhos de Ennabli (1976), revisto posteriormente por Hoff (1986) e, mais recentemente, por Trost e Hellman (1996). Desta forma foram estabelecidos oito grupos que abarcam a totalidade de motivos representados e que expomos sucintamente.

As cenas mitológicas (grupo A) englobam representações pouco frequentes, como é o caso de Leda e o cisne ou Orpheu. O grupo B inclui cenas bíblicas e cristãs, como Adão e Eva, os santos, o sacrifício de Abraham ou Cristo a pisar a serpente. O grupo C é representativo de personagens, no qual se incluem muitos dos bustos aos que não se podem associar personagens concretos. O grupo D engloba representações de animais e de flora, motivos bastante frequentes nas lucernas tardo-antigas, alguns com possíveis conotações cristãs (peixe ou cordeiro). O grupo E corresponde a recipientes que podem aparecer isolados ou incluídos em representações mais complexas. O grupo F trata os crismón, símbolo cristão por excelência e que pode aparecer isolado ou entre molduras vegetais. Em algumas variantes mais tardias podem estar geminadas ou em retrogrado. O grupo G também é bastante comum e representa a cruz monogramática nas suas distintas variantes. Por fim, o grupo H engloba motivos geométricos, dos que a maioria aparece na orla.

A iconografia presente nestas lucernas segue, portanto, aquela já documentada nas lucernas dos tipos VII e VIII, embora os motivos cristãos sejam ainda mais frequentes e variados. Além disso, vimos que determinadas particularidades morfo-técnicas destas lucernas, que antes se pensava não serem anteriores ao século IV d.C. (Anselmino 1983: 33-34), como é o caso da asa maciça, afinal são mais antigas e que, inclusive, integraram os “tipos africanos de tradição antiga”.

A produção de lucernas no Norte de África apresenta dados bastante pertinentes, essenciais quando analisarmos o consumo na Península Ibérica, dos quais importa reter, de momento, uma evolução praticamente contínua e uma variedade considerável de produtos fabricados em um momento de evidentes mudanças.

3. ENTRE O OCIDENTE E O ORIENTE HISPÂNICO

A realidade averiguada em território hispânico, como seria espectável, não segue o mesmo padrão que é documentado para a área primordial de produção destas lucernas. Foi já referido que as lucernas da série de volutas, primeiro, e de disco, depois, gozaram de um considerável êxito, situação que justificou a sua (re)produção um pouco por todo o Império (Morillo Cerdán 2015: 382-387) e, inclusive, o aparecimento de formas genuinamente hispânicas (Morillo Cerdán - Rodríguez Martín 2008). Mas, apesar desse sucesso, há um momento em que o consumo de peças destas séries decai paulatinamente dando mostras de uma ruptura com os gostos até então revelados (Pereira 2014a: 196-197). Esta redução de consumo não foi, porém, repentina nem é inquestionável, devendo os investigadores averiguar os indícios que permitam apoiar, ou não, tal fenómeno. Certo é, contudo, que as tradicionais lucernas não voltariam a consumir-se como em época alto-imperial e os fornecedores procuraram outros produtos, com outras origens, para satisfazer a procura.

Não é fácil estabelecer o momento em que o consumo de lucernas começa a contrair-se de forma gradual e menos ainda o é justificar os motivos que fomentaram tal fenómeno. Como já tivemos ocasião de escrever em outro local (*Ibidem*), a partir de final do século II e início do III d.C. denota-se uma certa uniformidade nos relatos de autores clássicos, os quais afirmam que os tempos que vivem estão em claro deterioro das condições de vida. Tanto Herodiano (1985) como Dião Casio (*Historia Romana*, Πρωϊκή Ιστορία) referem claramente que o reinado de Marco Aurélio representa a transição de um momento de magnificência para outro de retracção social e económica (Chic Garcia 2005).

Este pressentimento de que o Império atravessava um momento de dificuldade agrava-se, em meados do século III d.C., quando se incrementam diversos problemas que este vinha padecendo desde décadas antes. Cipriano (*Ad Demetrianum*) informa-nos acerca de alguns, nomeadamente o esgotamento de minas, o diminuir da produção

agrícola, as contínuas investidas dos bárbaros e catástrofes naturais, como as epidemias e a fome.

Devemos, contudo, ser comedidos em algumas leituras, pois concordamos que nem sempre podemos atribuir às invasões bárbaras determinadas perturbações, relatadas pelos autores clássicos ou perceptíveis no registo arqueológico, quando se podem dever apenas a mudanças da vivência quotidiana e das mentalidades (Carneiro 2009: 217).

Apesar de que o século III d.C. tenha sido frequentemente transmitido como um sinónimo de crise, devemos ter em conta que essa leitura disfemística deve-se às coincidentes mudanças a que assistimos neste século, entre as quais a introdução, ou pelo menos a expansão, do Cristianismo (Mateos Cruz 2005: 49-52; Fernández Ubiña 2007: 450), sem que tenhamos aqui em conta a problemática da sua origem norte africana (Blázquez Martínez 1967: 30-50; Sotomayor Muro 1989: 277-287; Fernández Ubiña 2007: 441). Efectivamente, a partir de final do século II d.C. e início da centúria seguinte, o Cristianismo começa a conquistar cada vez mais eruditos (sobre a cristianização da aristocracia *videm* Palol 1977-78) que não reprimem as suas palavras contra as heresias pagãs. Tantas coincidências dificultam determinados estudos, dos quais este é claramente vítima.

A título de exemplo, é extremamente difícil determinar se o despojar de mobiliário funerário aos mortos, sobretudo durante o século III d.C. nas necrópoles suburbanas, é resultado da crise ou do avanço do Cristianismo, que apelava à simplicidade na sepultura (Pereira 2014b: 428-430), ou, inclusive, ambas situações. Também não é claro se o Cristianismo terá contribuído para a coincidente retracção do consumo de lucernas ditas “tradicionais”.

É inegável que, durante o século III d.C., existiu, efectivamente, uma crise económica e social que, segundo alguns autores, se prolongou até época tardia (Fernández Ubiña 1982). No entanto, este mesmo autor apresenta dados que demonstram que tal crise não afectou com a mesma intensidade todas as províncias romanas, referindo que, na Hispânia, concretamente na Bética, inclusive se incrementou a economia durante os séculos III e IV. Mesmo admitindo que em determinadas províncias a crise não se fez sentir, assistimos a transformações evidentes no povoamento (García Vargas *et al.* 2013) assim como na sociedade (Sanz Serrano 2007).

Voltando ao tema que nos ocupa, durante este período, no Norte de África, a produção de cerâmicas de iluminação parece manter-se nos mesmo registos que apresentava até então e, inclusive, expande a

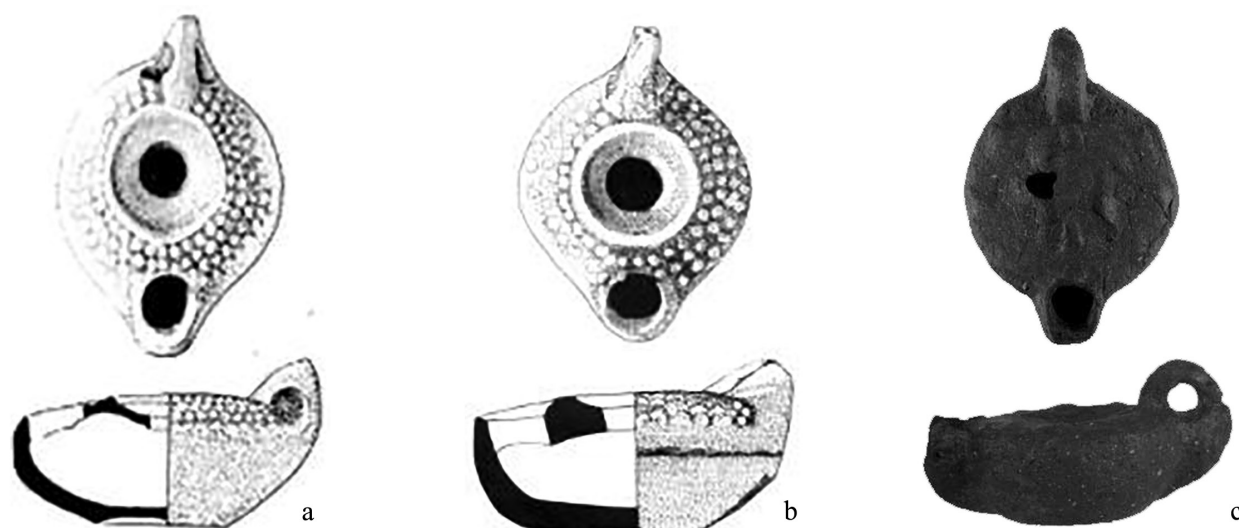


Fig. 7 - Lucernas de produção local/regional do Ocidente peninsular, séculos III e IV d.C. 7a – Lucerna Dressel 30 de Conimbriga (Belchior 1969: est. XXIII); 7b – Lucerna Dressel 30 de Aldeia do Penedo, Torres Vedras (Sepúlveda - Sousa 2000: 51 - fig. 7); 7c – Lucerna “derivada de disco” atípica da necrópole romana do Vale do Gato, Évora (Morais 2011 - nº 20 do catálogo).

variedade de lucernas produzidas iniciando um período de experimentação que pretende introduzir novos tipos no mercado. Embora possamos associar a evolução do Cristianismo, na Hispânia, com a “crise” verificada no consumo e produção de lucernas, no Norte de África tal registo não permite essa conjectura. Porém, se aceitarmos a tese de que a nova religião é introduzida na Península Ibérica pelo Sul (Blázquez Martínez 1967: 30-50; Mateos Cruz 2005: 49-52; Fernández Ubiña 2007: 441-450), talvez as mudanças morfo-iconográficas das lucernas tardo-antigas possam ser consideradas enquanto indício da sua disseminação, pelo menos para a e na Hispânia.

A materialização desta mudança substancial na morfologia e nos motivos decorativos representados foi, como vimos, progressiva, situação que está perfeitamente atestada nos centros de produção, mas que, nos centros de consumo, pode transparecer diferenças cronológicas, e até ausências, consoante a região em análise. Seguramente que os locais litorais, mais favoráveis a intercâmbios comerciais marítimos e directamente expostos aos produtos africanos, principalmente os da área meridional e levantina, foram prematuramente consumidores das lucernas tardo-antigas de produção africana. Mas mais que uma mudança estética das lucernas, esta mudança delata, sem dúvida, uma evidente transformação da maioria da sociedade da época, que agora valoriza outros produtos e outras decorações em detrimento das tradicionais, comercializadas durante mais de três séculos.

Além disso, esta situação levanta uma série de questões que não são de fácil resolução, e que já indicámos ao longo deste texto. A informação que estes materiais nos fornece indica que a produção e consumo foi contínua no Norte de África, embora com evidentes transformações, mas que na Hispânia terá sofrido uma provável interrupção. Parece, pois, haver um momento em que os produtos até então consumidos não são acolhidos e os norte africanos ainda não lograram a transformação necessária a uma aceitação que permita uma produção e exportação em quantidade.

No Extremo Ocidente hispânico o comércio lychnológico com o Norte de África parece ser ligeiramente mais tardio quando comparado com os dados da zona Este, embora no Ocidente já se consumissem outros produtos com essa origem. Em contrapartida, o comércio de lucernas hispânicas, durante a segunda metade do século III d.C., estava já em evidente decadência, situação apenas contrariada pelo consumo de lucernas de tipo Dressel 30 (Morais 2005: I: 340 - nº 142; II: 423 - nº 14; Lobato, 1995: 66 - 67; Belchior 1969: est. XXIII, fig. 1 e 2; Quaresma 2013: 228; Sepúlveda - Sousa 2000: 51 - fig. 7; Almeida - Carvalho 2005: 314-319; Gamito 1992: 113) e outras de produção local/regional (fig. 7). Com efeito, até à introdução dos tipos tardo-antigos de produção africana notamos, no Ocidente, um incremento de pequenas produções domésticas disseminadas pelo território (Pereira 2014) que fabricavam exemplares de morfologia atípica ou procuravam

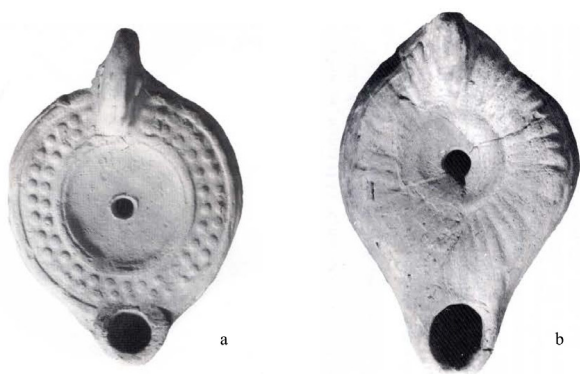


Fig. 8 - Lucernas de produção africana recolhidas no Oriente peninsular, séculos III e IV d.C. 8a – Lucerna Deneauve VIII de Tossal de Manisses, Alicante (Olcina Domenech 1990: 75); 8b – Lucerna Deneauve XI de La Albufereta, Alicante (Olcina Domenech 1990: 76).

imitar os exemplares da forma 30 de Dressel e que, provavelmente, se destinavam sobretudo ao autoconsumo.

No entanto, o registo de consumo de lucernas pode, e deverá, ser contrastante mediante o contexto. Por outras palavras, a partir de final do século III d.C. e início da centúria seguinte a rede de povoamento sofreu evidentes mudanças (Martín González 2011; García Vargas *et al.* 2013: 376-379), das quais importa sublinhar uma maior dispersão da população e incremento de sítios rurais, geralmente associada a um deterioro das condições de vida. Independentemente das causantes desta dispersão (Martín González 2011: 176), parece-nos evidente que deu um importante contributo para a quebra da produção e consumo de lucernas. Por outro lado, devemos ter em conta que o interior do território sempre demonstrou uma maior dificuldade em adquirir produtos importados, o que fomentou o aparecimento de pequenas produções lychnológicas com formas próprias (Morillo Cerdán - Rodríguez Martín 2008).

Assim, e além de este ser um momento de evidente complexidade populacional, também a convulsão social e religiosa deu um importante contributo nesse sentido. No mesmo aglomerado urbano a informação pode ser contraditória, consoante o contexto, pois as comunidades cristãs eram frequentemente proscritas para os arredores, onde viviam e morriam segundo os costumes que apregoavam. Esta realidade é particularmente visível nas necrópoles suburbanas, mais humildes, transparecendo uma evidente renúncia aos produtos quotidianos. Por outro lado, nas áreas urbanas

residiam as elites, onde continuavam a ostentar símbolos de riqueza e poder.

Talvez esta situação seja a base explicativa para a raridade, no Ocidente hispânico, de exemplares lychnológicos africanos produzidos durante a segunda metade do século III e, sobretudo, durante o IV d.C., além do evidente hiato que se deve ter em conta entre origem/produção e destino/consumo. Devemos ter também em conta que as lucernas tardo-antigas de produção africana dos tipos VIII e X de *Atlante*, os primeiros tipos a ser abundantemente exportados, somente se vulgarizam a partir de meados da segunda metade do século IV e início da centúria seguinte, exibindo motivos claramente cristãos. No Ocidente hispânico, apenas para citar alguns exemplos, encontramos alguns exemplares na Alcáçova de Santarém (Pereira 2008: 70-73), em Torres Vedras (Sepúlveda - Sousa 2000: 55), em Tróia (Cabral 1975: 163-168; Almeida 2009: 90), no Cerro do Faval (Deus - Oliveira - Duarte 2004: 459-462), em Mértola (Torres - Macías 1993: 84 - nº 15 e 16), em Torre d'Ares (Nolen 1994: 51 - lu 54), em Faro (Teichner 2001: 198) ou em Silves (Catarino 2005-2006: 118).

Contrariamente, o Oriente hispânico parece oferecer uma leitura ligeiramente distinta, fundamentada pela estreita relação que sempre manteve com o Norte de África. Com efeito, aí pôde-se reconhecer de forma mais clara a evolução das lucernas tardo-antigas de produção africana, além de que são frequentes os seus precedentes directos, com a mesma origem (fig. 8). Algumas das lucernas, do século III d.C., reconhecidas em Tossal de Manisses, em Santa Pola, em La Alcudia (Abdal Casal - Moratalla Jávega - Tendero Porras 2000: 143) ou em Villajoyosa, com tal procedência, também são reconhecidas no Ocidente, mas com pastas que delatam claramente produções locais/regionais, é o caso da forma Deneauve VIII (Deneauve 1969), ou estão ausentes no repertório de importações, como acontece com a forma Deneauve XI.

Certo é que, embora as primeiras formas de lucernas africanas em *terra sigillata* não tenham sido comercializadas a larga escala, estas estão esporadicamente presentes na bacia do Mediterrâneo acompanhando outros materiais com a mesma origem, nomeadamente as ânforas, *terra sigillata* clara C e D e abundantes cerâmicas comuns (Járrega Domínguez 2013). Com os tipos *Atlante* VIII e X, porém, acumula-se a quantidade de sítios que importaram as lucernas tardo-antigas de produção africana.

Este estreito contacto comercial, entre a área

Este da Hispânia e o Norte de África, justifica, ainda, a existência de produções norte-italicas (Cosentino - Ricciardi 1993) e hispânicas que (re)produziram os exemplares africanos (Modrzejewska 1988: 28), como ficou comprovado em Santa Pola, Alicante (Modrzejewska 1989: 218) ou em Tarragona (Ruíz Arbulo 1989: 184-185), para além das imitações realizadas no Sul da Gália (Bonifay 2004: 461-462). De facto, este contacto deverá ter sido preponderante para a prematura aquisição de produtos norte africanos, além de outros factores.

Harris (1980) analisou, apoiando-se no caso concreto das lucernas de canal (*Firmalampen*), a organização da produção lychnológica. Com esse estudo verificou que qualquer produção depende, para que tenha sucesso e possa exportar em grande escala, de uma localização estratégica, ou, pelo menos, da proximidade a vias de fácil e rápido escoamento dos produtos. Efectivamente podemos considerar que a produção norte africana, que se desenvolveu de forma evidente durante os séculos III e IV d.C., corresponde a este modelo, situação que lhe permitiu distribuir os seus produtos por toda a bacia do Mediterrâneo, mas com particular concentração entre a costa do Norte da Itália e da área meridional hispânica.

A limitada introdução de lucernas tardo-antigas de produção africana é ainda mais evidente na área interior, particularmente no Norte da Península Ibérica, onde a sua presença é meramente esporádica (Morillo Cerdán 2003: 191). Se nos aglomerados litorais é evidente o contraste quantitativo das lucernas das séries de volutas e de disco, sobretudo aquelas, quando comparadas com a série de lucernas tardo-antigas de produção africana, nessas zonas a disparidade é ainda mais manifesta (*Ibidem* 1999: 148). Este registo incitou o autor a considerar que, aí, o comércio lychnológico sofreu uma quase total interrupção de importações forâneas, fenómeno que situa em momento indeterminado do século IV d.C.

4. EM CONCLUSÃO

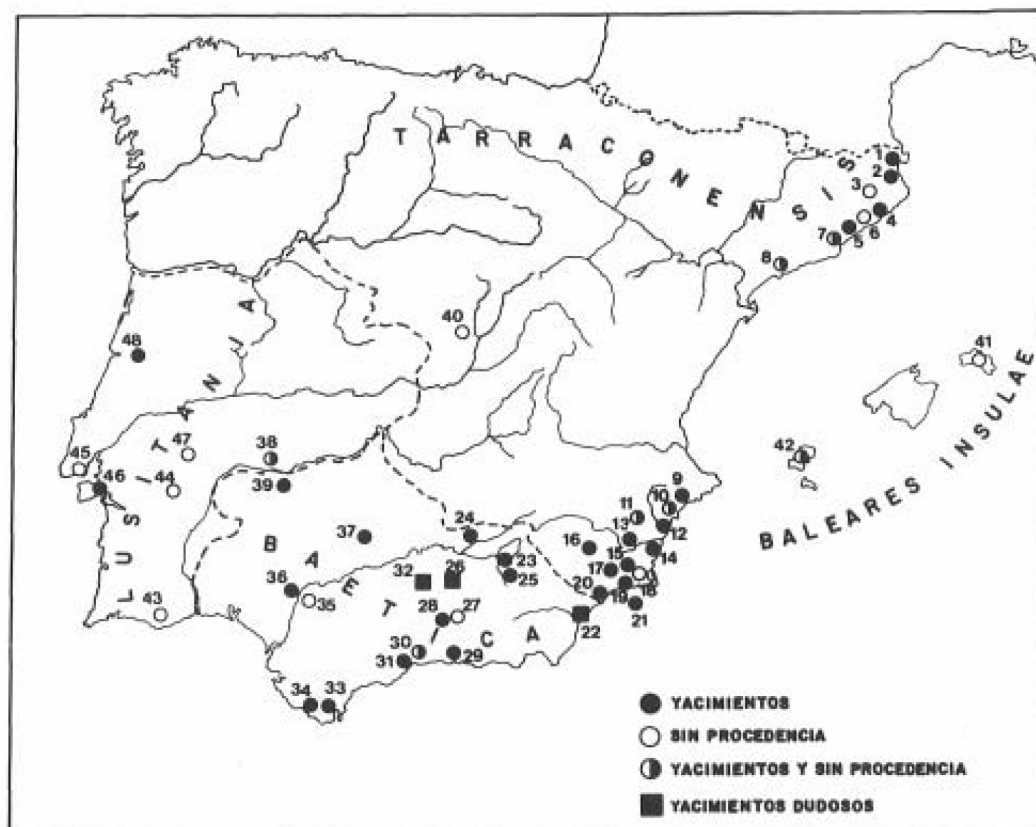
O século III d.C. parece representar o início de profundas mudanças no panorama comercial e do consumo de lucernas. Não é fácil, contudo, apontar e justificar os motivos que promoveram tais transformações. Conjuntamente a motivos políticos concretos, como é o caso das migrações dos povos germânicos, pretendemos alertar para outras realidades às quais nem sempre se dá a devida atenção e que podem corresponder a motivos

importantes para a redução do consumo de lucernas romanas.

Apesar de cinco grandes perseguições, a morte de muitos mártires e o Édito de Milão (313), até final do século III d.C. o Cristianismo avançou subtilmente, pois eram os pobres, escravos e indigentes os que viam nesta religião um refugio. No entanto, quando esta começou a conquistar cidadãos de classe média (Palol 1977-78), proprietários e administradores, começa a disseminar-se mais velozmente. Curiosamente, esta realidade é coincidente com o início da quebra no consumo de lucernas por parte da sociedade em geral, que, cada vez mais cristianizada, procurava seguir as máximas da sua religião, como parece ser a simplicidade em vida e na morte, da mesma forma que evitavam exhibir objectos e acções de tradição “pagã”.

Neste sentido, ainda que não consideremos um facto irrefutável a influência que teve o Cristianismo no comércio lychnológico, talvez também devamos reflectir sobre a introdução desta religião na Península Ibérica (Blázquez Martínez 1967: 30-50; Mateos Cruz 2005: 49-52; Fernández Ubiña 2007: 441-450), que parece ser coincidente com a origem das lucernas tardo-antigas, consumidas sobretudo a partir de meados do século IV d.C. De facto, devemos admitir que a “cristianização da Hispânia” não deverá ter ocorrido antes do século III d.C., da mesma forma que, inicialmente, os seus seguidores não deveriam constituir qualquer ameaça ou repulsivo espiritual. Aliás, este limitado atractivo não antecipava, sequer, o triunfo de que viria a gozar durante a centúria seguinte (Fernández Ubiña 2007: 436), pois ainda durante o século III temos notícia de que os bispos mais antigos conhecidos na Hispânia, Macial de Leão-Astorga e Basilides de Mérida, viveram plenamente integrados na vida social e religiosa das suas cidades (Teja 1990: 118-124). Seria portanto credível que os primeiros cristãos continham um determinado sincretismo religioso.

Posto isto, mesmo admitindo que a religião monoteísta possa ter sido introduzida ainda durante o século III d.C., a adesão por parte dos cidadãos não deveria representar algo transcendental que transformasse os seus hábitos de vida (Fernández Ubiña 2007: 444). Esta situação pode justificar o facto de que as lucernas tardo-antigas tenham sido particularmente importadas somente a partir da centúria seguinte, não justificando, todavia, a quebra das grandes produções hispânicas décadas antes. Parece, pois, evidente que não devemos procurar somente uma causa para as profundas alterações da



1 – Rosas; 2 – Ampúrias; 3 – Gerona; 4 e 5 – Região de Maresme, Malgrat e Montgat; 6 – Mataró; 7 – Barcelona; 8 – Tarragona; 9 – Villajoyosa; 10 – Alicante; 11 – Elche e La Alcudia; 12 – Santa Pola; 13 – Ulea; 14 – Verdolay e Aljezares; 15 – Cabezo de la Rueda; 16 – Begastrí; 17 – Coto Fortuna; 18 – Cartagena; 19 – El Castellar; 20 – Mazarrón; 21 – Isla del Fraile; 22 – Palomares; 23 – Cerro de la Horca; 24 – Cástulo; 25 – Toya; 26 – Palomares; 27 – Granada; 28 – Baños de Sierra Elvira; 29 – Torrox; 30 – Málaga; 31 – Torre del Mar; 32 – Palomares; 33 – Carteia; 34 – Baelo Claudia; 35 – Sevilha; 36 – Itálica; 37 – Cerro Muriano; 38 – Mérida; 39 – Badajoz; 40 – Madrid; 41 – Menorca; 42 – Ibiza; 43 – Faro; 44 – Évora; 45 – Lisboa; 46 – Setúbal; 47 – Vila Viçosa; 48 – Conímbriga.

Fig. 9 - Dispersão de lucernas tardo-antigas de produção africana na Península Ibérica segundo Modrzewska (1988: 30).

produção de lucernas a que assistimos durante os séculos III e IV d.C.

Vimos ao longo deste trabalho que tais alterações não se verificam apenas nos repertórios morfológicos, também nos iconográficos assistimos a profundas mudanças dos relevos estampados nos discos das lucernas tardo-antigas de produção africana. As complexas figurações mitológicas ou do quotidiano dão lugar a cenas maioritariamente geométricas, vegetalistas ou figurações de animais. No entanto, os motivos que mais se fazem representar nesta série são as figuras e símbolos cristãos, é o caso do crismón ou da cruz monogramática (Morillo Cerdán 1999: 147). Esta nova série desvincula-se, assim, dos seus antecedentes, quiçá, com o objectivo de satisfazer uma sociedade cada vez mais cristianizada e preocupada com a concretização das práticas cristãs. Mesmo a chegada de novas “gentes”, particularmente a partir do século V, incrementou o consumo destas lucernas, apenas epilgado com os

invasores muçulmanos, no início do século VIII d.C.

Insistimos, novamente, que a materialização destes artefactos, ou, pelo menos, a visibilidade arqueológica, na Península Ibérica não é contemporânea nem sequer homogénea. A transição dos exemplares de disco para os produzidos em *terra sigillata*, tal como está plasmada nas áreas de produção norte africanas, não está documentada em território peninsular.

Na Península Ibérica poderemos considerar que houve, pelo menos, dois momentos chave na distribuição destes artefactos, geograficamente diferenciados. O litoral, oriental e meridional, sempre esteve mais exposto e disposto a receber novos produtos. O registo arqueológico dessas zonas delata uma evidente inclusão na rede de circulação dos produtos norte africanos, recebendo rapidamente as lucernas tardo-antigas de produção africana (em *terra sigillata*) e, inclusive, os antecedentes destas, que Michel Bonifay definiu como “africaines tardives de

tradition antique”, inspirados nos exemplares da série de disco. Aliás, os principais núcleos de concentração na Península Ibérica desta série de lucernas (fig. 9) já havia sido reconhecido antes (Modrzevska 1988: 30-32).

No Ocidente o panorama parece ser ligeiramente distinto. Esta área parece ter ignorado, até determinado momento, o comércio lychnológico que era praticado no Oriente hispânico. Os sítios daquela área parecem corroborar uma apreciável redução de produtos importados, o que terá fomentado o aparecimento de produções marginais, também inspiradas nos últimos exemplares da série de disco mas morfologicamente atípicas, que procuram satisfazer as necessidades locais/regionais. Ainda assim, não descartamos que tal leitura pode ser resultado de uma menor divulgação de conjuntos e contextos de sítios do Ocidente.

No interior, principalmente no Norte, a realidade também é distinta das demais. O incremento do custo dos produtos, devido ao transporte terrestre de longas distâncias, e o maior isolamento dessas comunidades, aliada à instabilidade política, económica e social típica dos séculos IV e V d.C. parece ter obrigado a uma auto-suficiência na luminária. Tal facto, pode fundamentar a circumscreta produção de lucernas em *terra sigillata* hispânica tardia (Morillo Cerdán - Rodríguez Martín 2008: 305-307).

Não obstante o quadro que expomos, devemos admitir que esta leitura está subordinada a consideradas variações. Ainda que seja evidente que esta série tenha sofrido uma quebra acentuada de consumo, isso pode ser igualmente reflexo do menor interesse dos investigadores em analisar estes materiais. Por várias vezes já foi referido que foram as lucernas alto-imperiais as que suscitaram maior interesse, estando as tardias renegadas para um segundo plano devido às problemáticas (tipológicas, comerciais, sociais, económicas, arqueológicas) que consigo arrastam.

Neste sentido, e apenas com o objectivo de insistir em determinados temas abordados neste trabalho e que devem ter-se em conta nestes estudos, relembramos que a circulação destes produtos esteve bastante estorvada por factores de vária natureza, nomeadamente uma rede de povoamento mais dispersa, incitada por uma evidente instabilidade política, social e económica. Além disso, devemos ter sempre em conta, nos estudos de lucernas, a própria produção e comercialização de azeite, principal matéria utilizada como combustível.

Porém, nem tudo parece ter sido um

obstáculo na comercialização destas lucernas. As transformações a que foram submetidas, sobretudo dos motivos representados, cumpriam com os “cânones” de uma sociedade também ela em transmutação. Coincidência, ou não, certo é que os produtos norte africanos acabariam por se impor um pouco por todo o território hispânico.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAD CASAL, L. - MORATALLA JÁVEGA, J. - TENDERO PORRAS, M. (2000) - Contextos de antigüedad tardía en las termas occidentales de La Alcuñia. *Anales de Prehistoria y Arqueología de la Universidad de Murcia* 16: 133-147.
- ABED, A. - GRIESHEIMER, M. (2001) - Fouilles de la nécropole romaine de Pupput (Tunisie). *Comptes-rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres* 1: 553-592.
- ALMEIDA, J. (2009) – *A necrópole romana da Caldeira, Tróia de Setúbal. Escavações de Manuel Heleno nas décadas de 40-60 do século XX*. Dissertação apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa para obtenção do grau de Mestre.
- ALMEIDA, M.^a - CARVALHO, A. (2005) - Villa Romana da Quinta das Longas (Elvas, Portugal): a lixeira Baixo-Imperial. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 8-1: 299-368.
- ANSELMINO, L. (1983) – A proposito delle lucerne romane di Cartagine. *Opus* 2: 31-39.
- ANSELMINO, L. e PAVOLINI, C. (1981) – Terra Sigillata: Lucerne. In *Atlante delle forme ceramiche, Ceramica fine romana nel Bacino Mediterraneo (Medio e Tardo Imperio)*. Roma, vol. I: 184-207.
- BAILEY, D. M. (1988) – *A Catalogue of the Lamps in the British Museum, III. Roman Provincial Lamps*. Londres.
- BALIL ILLANA, A. (1969) – *Estudios sobre lucernas romanas*. Santiago de Compostela (Studia Archaeologica, Vol. 2).
- BARBERA, M. R. - PETRIAGGI, R. (1993) – *Le lucerne tardo-antiche di produzione africana*. Rome.
- BELCHIOR, C. (1969) - *Lucernas Romanas de Conimbriga*. Coimbra.
- BLÁZQUEZ MÁRTINEZ, J. M. (1967) - Posible origen africano del Cristianismo español. *Archivo Español de Arqueología* 40: 30-50.
- BONIFAY, M. (2004) - *Études sur la céramique romaine tardive d'Afrique*. Oxford (BAR Int. Series 1301).
- BONIFAY, M. - BRENOT, C. - FOY, D. - PELLETIER, J.-P. - PIERI, D. - RIGOI, Y. (1998) – Le mobilier de l'Antiquité tardive. In BONIFAY, M. - CARRE, M.-B. - RIGOI, Y. (dir.), *Fouilles à Marseille. Les mobiliers (Ier-VIe s.)*. Paris: 355-

- 375 (Etudes Massaliètes 5).
- BUSSIÈRE, J. (2000) – *Lampes antiques d'Algérie*. Montagnac (Monographies Instrumentum, 16).
- BUSSIÈRE, J. (2012) – Production et circulation des lampes tardives d'Algérie. In CHRZANOVSKI, L. (dir.), *Le Luminaire antique. Lychnological Acts 3*. Editions Monique Mergoil: 55-68.
- CABRAL, M.^a (1975) – A representação do crismón em lucernas tardias de Tróia (Setúbal). *Setúbal Arqueológica* 1: 163-167.
- CARNEIRO, A. (2009) – Sobre a cristianização da Lusitânia: novas reflexões a partir dos dados históricos e das evidências arqueológicas. *Espacio, Tiempo y Forma* I-2: 205-220.
- CATARINO, H. (2005-2006) – Formas de ocupação rural em Alcúitim (séculos V-X). *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología* 31-32: 117-136.
- CHAPMAN, S. V. – DAVIES, S. M. – PEACOCK D. (1984) – The Lamps. In FULFORD, M. G. – PEACOCK, D. (eds.), *Excavations at Carthage: The British Mission*. Vol. I, 2. The avenue du Président Habib Bourguiba, Salambo: The Pottery and other Ceramic Objects from the site. Sheffield: 232-241.
- CHIC GARCÍA, G. (2005) – Marco Aurelio y Cómodo. El hundimiento de un sistema económico. *Annaeus: anales de la tradición romanística* 2: 45-66.
- CONSENTINO, R. – RICCIARDI, L. (1993) – *Catacomba di Commodilla. Lucerne e altri materiali dalle gallerie 1, 8, 13*. Roma (Studia Archeologica, 66).
- DENEAUVE, J. (1969) – *Lampes de Carthage*. Paris.
- DEUS, M. – OLIVEIRA, N. – DUARTE, C. (2004) – Sarcófago do Cerro do Faval (Ourique): intervenção de emergência. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 7: 451-465.
- ENNABLI, A. (1976) – *Lampes chrétiennes de Tunisie (Musée du Bardo et de Carthage)*. Paris (Etudes d'Antiquités Africaines).
- FERNÁNDEZ UBIÑA, J. (1982) – *La crisis del siglo III y el fin del Mundo Antiguo*. Madrid.
- FERNÁNDEZ UBIÑA, J. (2007) – Los orígenes del Cristianismo hispano. Algunas claves sociológicas. *Hispania Sacra* LIX: 427-458.
- GAMITO, T. J. (1992) – Cemitério romano do século II/III – Faro, Rua das Alcaçarias. *Conimbriga* 31: 99-118.
- GARCÍA VARGAS, E. – GARCÍA FERNÁNDEZ, F. – GARRIDO GONZÁLEZ, P. – VÁZQUEZ PAZ, J. – ESCUDERO CARRILLO, J. – HUNT ORTIZ, M. (2013), El Bajo Guadalquivir durante la Antigüedad Tardía (siglos III-VII d. C.). Ensayo de una tipología de asentamientos. In SANZ SERRANO, R. – HERNÁNDEZ DE LA FUENTE, D. – ÁLVAREZ JIMÉNEZ, D. (coords), *El espejismo del bárbaro: Ciudadanos y extranjeros al final de la Antigüedad*. Universitat Jaume I: 329-389.
- HARRIS, W. (1980) – Roman Terracotta Lamps: The Organization of an Industry. *The Journal of Roman Studies* 70: 126-145.
- HAYES, J. W. (1972) – *Late Roman pottery*. London.
- HAYES, J. W. (1976) – Pottery: Stratified Groups and Typology. In HUMPHREY, J. H. (dir.), *Excavations at Carthage 1975 conducted by the University of Michigan*. I. Tunis: 47-123.
- HAYES, J. W. (1980) – *Ancient lamps in the Royal Ontario Museum, I. Greek and roman lamps*. Toronto.
- HERODIANO (1995) – *Historia del Imperio romano después de Marco Aurelio*. Gredos.
- HOFF, V. (1986) – Lampes romaines tardives et chrétiennes. In METZGER, C. (dir.), *Catalogue des lampes en terre cuite grecques et chrétiennes, Musée du Louvre*. Paris.
- JÁRREGA DOMÍNGUEZ, R. (2013) – Las últimas importaciones romanas de cerámica en el este de hispania tarraconensis: una aproximación. *SPAL* 22: 143-172.
- LOBATO, M.^a (1995) – A necrópole romana de Gulpilhares (Vila Nova de Gaia). *Portugalia* XVI – nova série: 31-109.
- MACKENSEN, M. (1993) – *Die spätantiken sigillata- und Lampentöpfereien von El Mahrine (Nordtunesien)*. Munich (Münchner Beiträge zur Vor- und Frühgeschichte, 50).
- MARTÍN GONZÁLEZ, S. (2011) – From villae to villulae: settlement and social organization in Late Antique Hispanic countryside. In HERNÁNDEZ DE LA FUENTE, D. (ed.), *New Perspectives on Late Antiquity*. Cambridge: 173-187.
- MATEOS CRUZ, P. (2005) – Los orígenes de la cristianización urbana en Hispania. VI Reunión d' Arqueologia Cristiana Hispanica. *Les Ciutats Tardoantiques d'hispania: Cristianització y Topografía*. Barcelona IX: 49-62 (Monografies de la Secció Historico-Arqueologica).
- MODRZEWSKA, I. (1988) – Lucernas tardoantiguas en la colección del MAN. *Boletín del Museo Arqueológico Nacional*. Madrid VI, 1 e 2: 25-58.
- MODRZEWSKA, I. (1989) – Lucernas escogidas del Museo Arqueológico de Alicante y Elche. *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología* LV: 216-245.
- MORAIS, R. (2005a) – *Autarcia e comércio em Bracara Augusta: contributo para o estudo económico da cidade no período Alto-Imperial*. Braga.
- MORILLO CERDÁN, A. (1999) – *Lucernas romanas en la región septentrional de la Península Ibérica*. Montagnac (Monographies Instrumentum 8/2).

- MORILLO CERDÁN, A. (2003) - Implantación romana y asimilación cultural en la Hispania septentrional a través de los testimonios lucernarios. In CHRZANOVSKI, L. (dir.), *Nouveautés Lychnologiques*. Lyon: 187-206.
- MORILLO CERDÁN, A. (2015) - Lucernas romanas en Hispania: entre lo utilitario y lo simbólico. In FERNÁNDEZ OCHOA, C. - MORILLO CERDÁN, A. - ZARZALEJOS PRIETO, M. (eds.), *Manual de cerámica romana II. Cerámicas romanas de época altoimperial en Hispania. Importación y producción*. Madrid: 321-428.
- MORILLO CERDÁN, A. - RODRÍGUEZ MARTÍN, G. (2008) - Lucernas hispanorromanas. In BERNAL CASASOLA, D. - RIBERA I LACOMBA, A. (eds.), *Cerámicas hispanorromanas. Un estado de la cuestión*. XXVI Congreso Internacional de la Asociación Rei Cretariae Romanae Fautores. Cádiz: 291-312.
- NOLEN, J. (ed.) (1994) - *Cerâmicas e vidros de Torre de Ares, Balsa, incluindo o espólio ósseo e medieval*. Lisboa.
- OLCINA DOMENECH, M. (1990) - Lucernas. In OLCINA DOMENECH, M. - PEACOCK, D. - BEJAOU, F. - BEN LAZREG, N. (1990), *Roman pottery production in central Tunisia*. *Journal of Roman Archaeology* 3: 59-84.
- REGINARD, H. - RÁMON SÁNCHEZ, J. (eds.) - Tosal de Manisses (Albufereta, Alicante). Fondos antiguos: lucernas e sigillatas. *Catálogo de fondos del Museo Arqueológico (III)*. Alicante: 13-103.
- PALOL, P. (1977-78) - La cristianización de la aristocracia romana hispánica. *Pyrenae* 13-14: 281-300.
- PEREIRA, C. (2008) - *As Lucernas romanas de Scallabis*. Dissertação apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa para obtenção do grau de Mestre.
- PEREIRA, C. (2014a) - Reflexiones sobre el decaer del comercio de lucernas romanas en el Occidente peninsular. *Onoba, Revista de Arqueología y Antigüedad* 2: 191-206.
- PEREIRA, C. (2014b) - *As necrópoles romanas do Algarve. Acerca dos espaços da morte no Extremo Sul da Lusitânia*. Dissertação apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa para obtenção do grau de Doutor.
- QUARESMA, J. (2013) - Cerâmicas finas e territorialidade no Baixo-Império e Antiguidade Tardia: o caso da Ammaia (São Salvador de Aramenha, Marvão). In BERNAL CASASOLA, D. - JUAN TOVAR, L. - BUSTAMANTE ALVAREZ, M. - DÍAZ RODRÍGUEZ, J. - SÁEZ ROMERO, A. (eds.), *Hornos, talleres y focos de producción alfarera en Hispania*. Cádiz, vol. 2: 227-236.
- RUÍZ DE ARBULO, J. (1989) - Les llànties. In Un abocador del segle V d.C. en el Fòrum Provincial de Tarraco. *Memòries d'Excavació* 2, TEDA. Tarragona: 182-189.
- SALOMONSON, J. W. (1968) - Etude sur la céramique romaine d'Afrique sigillée claire et céramique commune de Henchir el Ouiba (Raqqada) en Tunisie centrale. *BABesch* XLIII: 80-145.
- SALOMONSON, J. W. (1969) - Spätromische rote Tonware mit Reliefverzierung aus Nordafrikanischen Werkstätten. Entwicklungsgeschitliche Untersuchungen zur reliefgeschmückten Terra Sigillata Chiara «C». *BABesch* XLIV: 4-109.
- SÁNCHEZ RAMOS, I. (2010) - Las ciudades de la Bética en la antigüedad tardía. *Antiquité Tardive* 18: 243-276.
- SANZ SERRANO, R. (2007) - Aristocracias paganas en Hispania Tardía (S. V-VII). *Gerión* 25, Extra 1: 443-480.
- SEPÚLVEDA, E. - SOUSA, V. R. (2000) - *Lucernas romanas*. *Catálogo*. Torres Vedras.
- SOTOMAYOR MURO, M. (1989) - Influencia de la Iglesia de Cartago en las Iglesias hispanas (A propósito de un artículo de J. M.ª Blásquez). *Gérion* 7: 277-287.
- TEICHNER, F. (2001) - Uma nova interpretação da área 21, a partir da planta elaborada por Sebastião Philippes Martins Estácio da Veiga, sobre a Villa romana de Milreu (Estoi, Algarve): notícia preliminar. *O Archeologo Português* 4.ª Série, 19: 187-198.
- TEJA, R. (1990) - La carta 67 de S. Cipriano a las comunidades cristianas de León-Astorga y Mérida: algunos problemas y soluciones. *Antigüedad y cristianismo: Monografías históricas sobre la Antigüedad tardía* 7: 115-124.
- TORRES, C. - MACÍAS, S. (coord.) (1993) - *Museu de Mértola. Basílica Paleocristã*. Mértola.
- TROST, C. - HELLMANN, M.-C. (1996) - *Lampes antiques du département des Monnaies, Médailles et Antiques. III. Fonds général: Lampes chrétiennes*. Paris.
- VIEIRA, V. (2011) - *As Lucernas Romanas da Praça da Figueira (Lisboa): Contributo para o conhecimento de Olisipo*. Dissertação apresentada à Faculdade Nova de Lisboa para obtenção do grau de Mestre.

OPHIUSSA

POLÍTICA EDITORIAL

A *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa foi iniciada sob a direcção de Victor S. Gonçalves em 1996, tendo sido editado o volume 0. O volume 1 (2017) é uma edição impressa e digital da UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

O principal objectivo desta revista é a publicação e divulgação de trabalhos com manifesto interesse, qualidade e rigor científico sobre temas de Pré-História e Arqueologia, sobretudo do território europeu e da bacia do Mediterrâneo.

A *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa publicará um volume anual. A partir de 2018, os artigos submetidos serão sujeitos a um processo de avaliação por parte de revisores externos (*peer review*). O período de submissão de trabalhos decorrerá sempre no primeiro trimestre e a edição ocorrerá no último trimestre de cada ano.

A revista divide-se em duas secções: artigos científicos e recensões bibliográficas. Excepcionalmente poderão ser aceites textos de carácter introdutório, no âmbito de homenagens ou divulgações específicas, que não serão submetidos à avaliação por pares. Isentas desta avaliação estão também as recensões bibliográficas.

Todas as submissões serão avaliadas, em primeira instância, pela Coordenação Editorial, no que respeita ao seu conteúdo formal e à sua adequação face à política editorial e às normas de edição da revista. Os trabalhos que cumprirem estes requisitos serão posteriormente submetidos a um processo de avaliação por pares cega / *blind peer review* (mínimo de dois revisores). O Conselho Científico, constituído pela direcção da UNIARQ e por investigadores externos, seleccionará os revisores e acompanhará o processo de edição.

Esta etapa será concretizada por investigadores externos qualificados, sendo os respectivos pareceres entregues num período não superior a três meses. Os revisores procederão à avaliação de forma objectiva, tendo em vista a qualidade do conteúdo da revista; as suas críticas, sugestões e comentários serão, na medida do possível, construtivos, respeitando as capacidades intelectuais do(s) autor(es). Após a recepção dos pareceres, o(s) autor(es) tem um prazo máximo de um mês para proceder às alterações oportunas e reenviar o trabalho.

A aceitação ou recusa de artigos terá como únicos factores de ponderação a sua originalidade e qualidade científica. O processo de revisão é confidencial, estando assegurado o anonimato dos avaliadores e dos autores dos trabalhos, neste último caso até à data da sua publicação.

Os trabalhos só serão aceites para publicação a partir do momento em que se conclua o processo da revisão por pares. Os textos que não forem aceites serão devolvidos aos seus autores.

O conteúdo dos trabalhos é da inteira responsabilidade do(s) autor(es) e não expressa a posição ou opinião do Conselho Científico ou da Coordenação Editorial.

As ilustrações que não sejam do(s) autor(es) devem indicar a sua procedência. O Conselho Científico e a Coordenação Editorial assumem que os autores solicitaram e receberam autorização para a reprodução dessas ilustrações, e, como tal, rejeitam a responsabilidade do uso não autorizado das ilustrações e das consequências legais por infracção de direitos de propriedade intelectual.

A publicação de textos na *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa não implica o pagamento de qualquer taxa nem dá direito a qualquer remuneração económica.

Os textos propostos para publicação devem ser inéditos e não deverão ter sido submetidos a qualquer outra revista ou edição electrónica. Aceitam-se trabalhos redigidos em português, inglês, espanhol, italiano e francês.

Esta edição disponibiliza de imediato e gratuitamente a totalidade dos seus conteúdos, em acesso aberto, de forma a promover, globalmente, a circulação e intercâmbio dos resultados da investigação científica e do conhecimento.

Esta publicação dispõe de uma versão impressa, a preto e branco, com uma tiragem limitada, que será distribuída gratuitamente pelas bibliotecas e instituições mais relevantes internacionalmente, e intercambiada com publicações periódicas da mesma especialidade, que serão integradas na Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Conta, paralelamente, com uma versão digital, a cores, disponibilizada no endereço www.ophiussa.letras.ulisboa.pt, onde se pode consultar a totalidade da edição.

Para mais informações contactar: uniarq@letras.ulisboa.pt

OPHIUSSA

EDITORIAL POLICY

Ophiussa – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa started under the direction of Victor S. Gonçalves in 1996, with the edition of volume 0. Volume 1 (2017) is a printed and digital edition of UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

The main objective of this journal is the publication and dissemination of papers of interest, quality and scientific rigor concerning Prehistory and Archeology, mostly from Europe and the Mediterranean basin.

Ophiussa – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa will publish an annual volume. From 2018, submitted articles will be subject to a peer-review evaluation process. The submission period will always occur in the first quarter of each year and the edition will occur in the last quarter.

The journal is divided into two sections: scientific articles and bibliographic reviews. Exceptionally, texts of an introductory nature may be accepted, in the context of specific tributes or divulgations, which will not be submitted to peer-review evaluation. Exemptions from this evaluation are also the bibliographic reviews.

All submissions will be considered, in the first instance, by the Editorial Board, regarding its formal content and adequacy in face of the editorial policy and the journal's editing standards. Papers that meet these requirements will subsequently be submitted to a blind peer-review process (minimum of two reviewers). The Scientific Council, constituted by the directors of UNIARQ and external researchers, will select the peer-reviewers and follow the editing process.

This stage will be carried out by qualified external researchers, and their feedback will be delivered within a period of no more than two months. The reviewers will carry out the evaluation in an objective manner, in view of the quality and content of the journal; their criticisms, suggestions and comments will be, as far as possible, constructive, respecting the intellectual abilities of the author(s). After receiving the feedback, the author(s) has a maximum period of one month to make the necessary changes and resubmit the work.

Acceptance or refusal of articles will have as sole factors of consideration their originality and scientific quality. The review process is confidential, with the anonymity of the evaluators and authors of the works being ensured, in the latter case up to the date of its publication.

Papers will only be accepted for publication as soon as the peer review process is completed. Texts that are not accepted will be returned to their authors.

The content of the works is entirely the responsibility of the author(s) and does not express the position or opinion of the Scientific Council or Editorial Board.

Illustrations that are not from the author(s) must indicate their origin. The Scientific Council and Editorial Board assume that the authors have requested and received permission to reproduce these illustrations and, as such, reject the responsibility for the unauthorized use of the illustrations and legal consequences for infringement of intellectual property rights.

The publication of texts in *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa does not imply the payment of any fee nor does it entitle to any economic remuneration.

Texts proposed for publication must be unpublished and should not have been submitted to any other journal or electronic edition. Works written in Portuguese, English, Spanish, Italian and French are accepted.

This edition immediately and freely provides all of its content, in open access, in order to promote global circulation and exchange of scientific research and knowledge.

This publication has a limited printed edition in black and white, which will be distributed free of charge by the most relevant international libraries and institutions, and exchanged with periodicals of the same specialty, which will be integrated in the Library of Faculdade de Letras of Universidade de Lisboa. It also has a digital version, in color, available at address www.ophiussa.letras.ulisboa.pt, where one can consult the entire edition.

For more information contact: uniarq@letras.ulisboa.pt

ÍNDICE

VICTOR S. GONÇALVES - Ophiussa regressa, em digital e, logo de seguida, em papel	5
MARCO ANTÓNIO ANDRADE - O sítio pré-histórico do Sobral do Martim Afonso (Salvaterra de Magos, Portugal): um curioso contexto do Neolítico Final / Calcolítico na margem esquerda do Baixo Tejo	17
ANA CATARINA SOUSA - JORGE LOPES - O sítio do Moinho do Custódio (Arruda dos Vinhos): leituras preliminares e algumas considerações sobre o povoamento calcolítico na Península de Lisboa	51
PEDRO ALBUQUERQUE - O Guadiana como fronteira? Notas para um projecto de investigação	69
ANA MARGARIDA ARRUDA - ELISA DE SOUSA - JOÃO PIMENTA - RUI SOARES - HENRIQUE MENDES - Fenícios e indígenas em contacto no Estuário do Tejo	79
ELISA DE SOUSA - Algumas reflexões sobre a fase tardia da Idade do Ferro no Ocidente Atlântico	91
CARLOS PEREIRA - Produção e comércio de lucernas durante a Antiguidade Tardia: génese e evolução das lucernas tardo-antigas de produção africana	105
JACINTA BUGALHÃO - O papel da mulher na Arqueologia Portuguesa	123
RUI BOAVENTURA - VERA.LEISNER@PORTUGAL.PT	131
RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS - Estudos Arqueológicos de Oeiras, 22 volumes e a contar... (VICTOR S. GONÇALVES)	144

